

# Fabricantes de materiais vivem seu melhor momento em dez anos

Faturamento da indústria terá crescimento real de 8%, superando R\$ 200 bilhões, diz presidente da Abramat

Por Chiara Quintão — De São Paulo

08/07/2021 05h01 Atualizado há 4 horas



Navarro, presidente da Abramat, conta que setor opera com 78% da capacidade, acima dos 70% de antes da pandemia — Foto: Anna Carolina Negri/Valor

A indústria de materiais de construção está vivendo seu melhor momento dos últimos dez anos. Dados obtidos em primeira mão pelo **Valor** apontam que a Fundação Getúlio Vargas (FGV) revisou a projeção do crescimento real do setor, neste ano, de 4% para 8%. Se a estimativa for confirmada, o faturamento do setor ultrapassará R\$ 200 bilhões, segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat), Rodrigo Navarro.

Fabricantes de materiais ouvidos pelo **Valor** informaram forte crescimento no primeiro semestre. Parte das empresas entrevistadas registrou desempenho recorde no período. A demanda reflete gastos com reformas, fruto da maior valorização da casa iniciado com o isolamento social e redirecionamento de parte de gastos de antes com serviços, entretenimento e viagens. Outro item importante é o aumento do número de lançamentos imobiliários no país, impulsionados por juros baixos e oferta de crédito aos compradores de imóveis. Isso levou ao aumento dos pedidos de materiais.

Dados consolidados dos 22 segmentos que compõem esse setor apontam expansão real de 24,4% no semestre. No acumulado de 12 meses, o aumento é de 16,6%. “Estamos com otimismo moderado, reforçado pela nova previsão”, diz Navarro. O Índice Abramat apontou expansão de 13,1%, em junho, refletindo o ponto de inflexão vivido pelo setor em meados de 2020.

A indústria está operando com 78% da capacidade, acima dos 70% pré-pandemia de covid-19.

Não se espera que a forte expansão das vendas registrada na primeira metade do ano, com destaque para o segundo trimestre, se mantenha. Nos primeiros meses da pandemia, o consumo de materiais teve queda expressiva, refletindo insegurança dos consumidores e fechamento do varejo do segmento até a atividade ser considerada essencial. O movimento se inverteu, no segundo semestre de 2020, levando parte das indústrias a operar na capacidade máxima.

O desempenho de algumas empresas é o retrato vivido pela indústria. A receita da Tigre - fabricante de tubos, conexões, ferramentas para pinturas, metais sanitários, torneiras plásticas, portas e janelas - mais do que dobrou. O faturamento da Wavin (ex-Mexichem Brasil), que concorre com a Tigre em tubos e conexões, cresceu acima de 30%. A Vedacit, que fabrica impermeabilizantes, mantas asfálticas e argamassas, elevou o faturamento em 50% e o volume em 35%. As vendas de tintas decorativas da Basf, dona das marcas Suvinil e Glasu, subiram 40%. A Lorenzetti, fabricante de duchas, chuveiros elétricos, aquecedores de água, metais sanitários e purificadores de água, registrou mais de 35%.

A Vedacit teve desempenho semestral recorde e está em fase de revisão das estimativas para o ano. O mais provável, segundo o diretor comercial, João Roberto Ximenes, é que o faturamento cresça 38%, ante a projeção inicial de 22%. Diante do aquecimento das vendas para o varejo e construtoras, a empresa colocou um terceiro turno na fábrica de Itatiba (SP). O ritmo de vendas varia muito. “São Paulo está muito aquecido, assim como a região Sul. As vendas nos demais Estados do Sudeste se estabilizaram, e houve uma freada grande no Nordeste”, diz Ximenes.

Há um ano, a Lorenzetti está operando à plena capacidade, situação que tende a ser mantida até dezembro, segundo o vice-presidente, Eduardo Coli. Sem informar projeções, o executivo conta que a expansão deste ano deve superar os 24% de 2020. Para a Lorenzetti, um fator adicional tem contribuído para acelerar suas vendas neste ano: o frio. As baixas temperaturas contribuem para a demanda por chuveiros e aquecedores elétricos e a gás.

A Basf está revisando sua projeção de vendas de tintas decorativas. Segundo o vice-presidente do segmento na América do Sul, Marcos Allemann, o aumento de pelo menos 10% no volume, estimado inicialmente, será alcançado mesmo se as vendas ficarem estáveis no segundo semestre, mas é esperado crescimento no período.

Assim como para a Basf, reformas e novas obras têm puxado as vendas da Tigre. Em abril, o presidente, Otto von Sothen, havia informado ao **Valor** expectativa de alta de 12,5% da receita doméstica neste ano. Após o desempenho semestral recorde, a empresa já trabalha com aumento de 35% no Brasil. Em tubos e conexões, o crescimento ficará mais próximo de 40%, segundo Sothen, impulsionado também pelo agronegócio.

“O ano de 2022 ainda será de crescimento, embora não tão vigoroso”, diz o presidente da Tigre. O grupo está investindo de R\$ 200 milhões a R\$ 250 milhões em tecnologia e aumento de capacidade. Boa parte dos recursos vão para as operações brasileiras, informa Luis Filipe Silva Fonseca, diretor executivo de negócios da Tigre no Brasil.

Para o diretor-geral da Wavin no Brasil, Daniel Neves, o atual trimestre tende a ser “bem positivo” em relação às vendas. O quarto trimestre, porém, é “mais incerto” devido a questões macroeconômicas, como a fiscal. “Mas a construção ainda está muito forte. A mudança de comportamento dos consumidores veio para ficar”, diz. Segundo Neves, observa-se alta de pedidos pelo setor de infraestrutura, como consequência do marco regulatório do saneamento. As vendas crescem também para o agronegócio.

No entendimento do executivo da empresa, os custos com insumos tendem a se estabilizar neste semestre, “caso não haja algum acontecimento que interfira na produção”. Fonseca, da Tigre, também espera estabilidade. “Os preços das matérias-primas estão próximos do pico da expectativa de ajuste. Agora, há impacto mais intenso de energia elétrica e de derivados de petróleo”, afirma Allemann, da Basf. Em maio, a empresa reajustou preços e é possível que faça novo aumento neste ano.

Ximenes lembra ainda que era aguardado redução de custos de matérias-primas devido à queda do dólar, mas isso não ocorreu: os preços seguem estáveis, sustentados pela demanda. A Vedacit fez reajustes de 12% em janeiro. Em maio, fez ajuste médio de 5%, mas o aumento chegou ao patamar de 10% a 15% em produtos asfálticos. Segundo o diretor, neste ano, as altas acumuladas dos preços de asfalto chegam a 36% até maio.

Coli, da Lorenzetti, aponta que ainda se verifica forte pressão de custos: de fretes marítimo, transporte aéreo e matérias-primas, como resina e papelão. Essas, diz, ainda se encontram com preços elevados, mas ressalta que as entregas foram normalizadas. Em janeiro, a empresa reajustou toda linha de produtos e que em março fez repasses pontuais. “Estamos tentando segurar novas altas”, diz Coli.